

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

KÁTIA APARECIDA FORTI

O DESAFIO EM SALA DE AULA

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

KÁTIA APARECIDA FORTI

O DESAFIO EM SALA DE AULA

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para a Conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2005

DEDICO ESTE MEMORIAL
À MINHA FAMÍLIA PELO
GRANDE APOIO E
INCENTIVO.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, POR TER ME CONCEDIDO O DOM DA VIDA E CONFORTO NOS MOMENTOS DIFÍCEIS.

AOS MEUS PAIS, OSMAIR E MARIA ANGÉLICA, PELO APOIO E GRANDE INCENTIVO.

AOS MEUS IRMÃOS E CUNHADAS QUE TAMBÉM ME INCENTIVARAM MUITO.

AOS MEUS SOBRINHOS KLEBER E EVELLYN QUE SOUBERAM COMPREENDER MINHA AUSÊNCIA.

ÀS AMIGAS DAGMAR, JUDITE, LILIA, MARIA E NANCY PELO COMPANHEIRISMO.

AOS EDUCADORES DO CURSO DE PEDAGOGIA QUE CONTRIBUÍRAM PARA QUE ESSE TRABALHO FOSSE REALIZADO ALÉM DE PROPORCIONAR MOMENTOS DE REFLEXÕES E DISCUSSÕES QUE ENRIQUECERAM MEUS CONHECIMENTOS.

LEMBRAR NÃO É REVIVER,
MAS REFAZER,
RECONSTRUIR,
REPENSAR, COM
IMAGENS E IDÉIAS DE
HOJE AS EXPERIÊNCIAS
DO PASSADO.

ECLÉA BOSSI

SUMÁRIO

1- APRESENTAÇÃO	07
2- O COMEÇO DE TUDO.....	09
3- A VONTADE DE IR ADIANTE.....	15
4- DISCIPLINA: O DESAFIO EM SALA DE AULA.....	18
5- CONCLUSÃO.....	24
6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25

APRESENTAÇÃO

O presente estudo tem como objetivo relatar a minha história de vida pessoal e profissional como também refletir sobre as mudanças ocorridas durante o curso do PROESF.

No capítulo 1- “*O começo de tudo*”, relato a importância do professor na vida do aluno, os momentos que foram marcantes para mim, um pouco da minha vida escolar até o curso de magistério, o meu desejo de ser professora que começou bem cedo e as contribuições do curso de magistério. Faço também uma reflexão do tipo de educação que recebi e as influências políticas embutidas nele.

No capítulo 2- “*A vontade de ir adiante*”, descrevo sobre a vontade que sempre tive em fazer uma faculdade e por algum tempo isso foi adiado por motivos financeiros, até que a grande oportunidade um dia chegou. Falo também, o quanto me empenhei para isso e as conseqüências que sofri devido a interpretações erradas dos colegas quando já estava cursando a pedagogia e como minha visão pedagógica mudou.

No capítulo 3- “*Disciplina: o desafio em sala de aula*”, é quase que um desabafo que faço, expondo assim as dificuldades pelas quais passei no ano de 2004 com uma sala com problemas de comportamento. Diante de tal situação busquei fundamentação teórica de acordo com alguns estudiosos, destacando a influência da educação familiar no âmbito escolar, a falta de limites com que as crianças estão vindo para a escola e como estar agindo perante essas situações.

Como considerações finais, faço uma análise de tudo que vivi e as contribuições para meu crescimento pessoal e profissional

1- O começo de tudo...

A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado conservando no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e devaneios.

Bérgson

Iniciei minha vida escolar no ano de 1978 com seis anos de idade cursando a pré-escola da rede municipal de ensino de Santa Bárbara D'Oeste onde resido até hoje. Lembro-me que uma vizinha e muito amiga foi até a minha casa pedir para que minha mãe me deixasse ir à escola com ela. Assim foi meu primeiro dia de aula.

Neste ano tive duas professoras, inclusive uma delas também foi minha professora no quarto ano de magistério e que hoje trabalha na mesma rede educacional que eu. Não passava pela minha cabeça que um dia isso poderia acontecer, mas não me lembro de nenhum contato afetivo com nenhuma delas e uma coisa que me marcou bastante foi a obrigação em realizar as atividades de coordenação motora no caderninho de linhas verdes. Eram exercícios repetitivos sem objetivo algum, ou será que era para ficar com a letra bonita?

Do ensino fundamental me recordo dos amigos, das brincadeiras, da hora do lanche e dos professores. Uma delas, a da terceira série, era muito rígida, autoritária e todos tinham medo dela. Lembro-me que quando ela nos ensinou a tabuada não queria que fizéssemos em linha vertical, como é conhecida tradicionalmente, e sim horizontalmente, separadas por vírgula e foi a única vez que fiz tabuada *deitada*, como dizíamos. Baseado nisto, Paulo Freire destaca que:

“O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca.” (1996,p.73)

Outro fato do qual não me esqueço é o de que ela sempre chamava a atenção dos alunos na frente de todos e quando fazia era para humilhar. Todos os dias no início da aula ela passava de carteira em carteira para verificar se os alunos haviam feito a lição de casa e, eu na minha ingenuidade, antes que ela passasse na minha carteira emprestei a caneta vermelha da colega ao lado e coloquei o sinal de certo em tudo, pois tinha esquecido a minha caneta em casa e assim não precisaria ficar pedindo na hora da correção porque eu sabia que ela iria ficar brava. Quando chegou na minha vez e viu que a lição já estava com o sinal de certo perguntou *Cadê a sua lição, você não fez?* Não adiantou eu explicar que a lição era aquela e que tinha esquecido a caneta e, na verdade, acredito que nem mesmo ela sabia qual lição havia passado para casa. No mesmo instante começou a chamar minha atenção perante toda a sala, onde me senti humilhada.

Perante esse fato Mizukami (1986, p.17-18) coloca-nos que a relação entre o professor e o aluno, muitas vezes, é marcada pela punição, que é um modo que o

professor tem de invocar sua autoridade, esperada pela sociedade em geral. Porém, a autora advoga que os efeitos da punição geram, entre outros sentimentos, submissão do estudante, medo, ansiedade e raiva contra o professor. Um agravante maior é que os professores, ingenuamente, fazem risco de seus próprios recursos didáticos para punir seus alunos.

Sempre tive dificuldades de falar em público, de expor minhas idéias, e acredito que isso se deva a essa humilhação feita por essa professora da terceira série, pois me senti inferior aos outros colegas. Felizmente já superei um pouco este trauma devido às apresentações e debates feitos durante as aulas no curso de pedagogia. Por isso concordo com Cury (2003,p.87) quando ele diz que:

“Chamar a atenção ou apontar em público um erro ou defeito de jovens e adultos pode gerar um trauma inesquecível que os controlará durante toda a vida. Ainda que os jovens os decepcionem, não os humilhem. Ainda que eles mereçam uma grande bronca, procurem chamá-los em particular e corrigi-los. Mas principalmente estimulem os jovens a refletir. Quem estimula a reflexão é um artesão da sabedoria.”

Sempre gostei muito de ir à escola e sentia orgulho de poder freqüentar uma. Quando criança minha brincadeira favorita era a de escolinha onde eu sempre queria ser a professora e usava a porta de casa como lousa, mas quando brincava na casa de minha amiga usava uma lousa de *verdade* que seu pai fizera na parede de um quartinho no quintal e uma tia dela, que era professora, sempre nos mandava livros e cartilhas, os quais não tinham mais utilidade para ela, e que para nós eram muito valiosos. Passávamos horas brincando e copiando atividades na lousa. Desde ai já tinha a convicção de que um dia seria professora.

No quarto ano de magistério fiz um concurso para trabalhar como professora substituta da rede municipal de educação, onde teria a minha escola sede e também

faria o rodízio por outras escolas de educação infantil. No início tive muitas dificuldades e percebi que usei pouco o que aprendi durante o curso, pois nele aprendi modelos de atividades quase prontas, pastas com desenhos das datas comemorativas para os alunos pintarem, ou seja, a teoria era bem diferente da prática diária em uma sala de aula.

Com o decorrer do tempo fui me aprimorando através da prática docente e cursos de capacitação oferecidos pela secretaria de educação e alguns particulares. Concordo com o que Nóvoa destaca em sua teleconferência dizendo que *a formação só atingirá seus objetivos se for capaz de fazer o professor transformar sua própria experiência em novos conhecimentos profissionais. Mas a experiência por si só não é formadora. Dewey já perguntava: quando se tem dez anos de experiência, se está dizendo que se tem dez anos de experiência, ou que se tem um ano de experiência repetido dez vezes? Ela pode ser a rotina, a repetição de erros e processos de ensino inadequados. Transformar a experiência exige um trabalho sistemático, uma indagação rigorosa, um inquérito efetivo a respeito de nossas práticas e nossas experiências, exige compartilhar com os colegas, refletir em voz alta e de ser capaz de aprender com os outros.*

Hoje recordando minha vida escolar vejo que boa parte dela foi baseada na educação *bancária*, onde os professores eram os detentores do saber e nós alunos não tínhamos chances de questionar e debater o que nos era transmitido. Diante disso, *Freire diz que educação autêntica não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B. Ensinar não é apenas transmitir conhecimentos, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou construção.*

Mizukami (1986) ao dividir os diversos períodos da história da educação em abordagens nos mostra que na abordagem tradicional a relação professor – aluno é vertical e o mestre ocupa o centro de todo o processo cumprindo assim, objetivos selecionados pela escola e sociedade. Ao aluno, neste contexto, é reservado o direito de aprender sem qualquer questionamento através da repetição e automatização de forma racional (p.14-15).

Mesmo com essa maneira de ensinar foi assim que venci os obstáculos impostos na época. De lá pra cá muita coisa mudou, apareceram novos estudiosos, novos métodos sempre pensando no melhor para a educação. Baseado nisto, Soares (2001) destaca que:

“Como tudo em nossa vida a educação também sofre transformações e deve basear-se na educação democrática e educar o indivíduo para se adaptar à sociedade brasileira naquele momento”

Cabe a nós professores refletirmos sobre o que é bom e de interesse dos nossos alunos realizando assim uma aprendizagem significativa o que durante o curso do PROESF ficou muito evidenciado.

Falar em aprendizagem significativa é assumir que aprender possui um caráter dinâmico que exige ações de ensino direcionadas para que os alunos aprofundem e ampliem os significados elaborados mediante suas participações nas atividades de ensino e aprendizagem. Nessa concepção o ensino é um conjunto de atividades sistemáticas, cuidadosamente planejadas, em torno das quais conteúdo e forma articulam-se inevitavelmente e nas quais o professor e o aluno compartilham parcelas cada vez maiores de significados com relação aos conteúdos do currículo escolar, ou seja, o professor guia suas ações para que o aluno participe de tarefas e atividades que

o façam se aproximar cada vez mais dos conteúdos que a escola tem para lhe ensinar. Uma aprendizagem significativa está relacionada à possibilidade dos alunos aprenderem por múltiplos caminhos e formas de inteligência, permitindo aos estudantes usar diversos meios e modos de expressão.

De fato, se analisarmos os princípios da aprendizagem significativa já não parece ter lugar a concepção dominante de inteligência única, que possa ser quantificada e que sirva como padrão de comparação entre pessoas diferentes, para apontar suas desigualdades.

2 - A vontade de ir adiante...

A formação é um processo individual de apropriação que depende da capacidade de integrarmos esse conjunto de informações e possibilidades e de transformarmos isso em material de formação, de conhecimento, de organização de uma maneira nova de ser professor.

Nóvoa

Sempre pensava que ao terminar o curso de magistério eu iria fazer uma faculdade e sentia necessidade de estudar, pois nas reuniões pedagógicas e cursos dos quais eu freqüentava me sentia meio que *perdida* diante de um vocabulário desconhecido para mim.

Prestei vestibular para pedagogia por dois anos em uma faculdade particular, passei nas duas vezes mas a situação financeira falou mais alto e eu não teria condições de pagá-la, então desisti. Assim fiquei doze anos sem estudar até que surgiu, em 2002, a oportunidade de fazer o vestibular da UNICAMP no curso de pedagogia para professores em exercício. Primeiramente surgiu a dúvida se faria ou não, acreditava que era muito difícil e que não conseguiria ser aprovada. Ouvia muitos professores comentarem que existe um artigo na LDB que diz que os professores devem cursar nível superior. Então pensei que não poderia perder essa chance. Neste momento passou muitas coisas pela minha cabeça...

Com o incentivo de algumas colegas que também fariam o vestibular e da minha família que sempre valorizou a educação, fiz a inscrição, o vestibular e felizmente passei.

Estudei muito para isso, procurei livros, apostilas e fiz junto com duas amigas um grupo de estudo que, acredito eu, ajudou muito. No dia da prova fiquei bastante nervosa, com medo e quando chegou o dia para saber o resultado pela internet parecia que não enxergava os nomes até que encontrei o meu e o das minhas amigas. A alegria foi geral mas não imaginava que sofreria *discriminação* por parte de alguns colegas de trabalho que diziam: “*Agora ela é da UNICAMP*”. “*Está falando isso só porque é da UNICAMP*.”

Fiquei muito decepcionada com tudo isso pois, acredito que sempre continuei a mesma e o fato de eu estar na UNICAMP não mudou a minha maneira de ser com as pessoas.

Digo que no decorrer do curso do PROESF, em minha prática pedagógica houve uma grande mudança de paradigmas.

A mudança de paradigmas impõe ao professor a responsabilidade de novos e mais criteriosos meios de conduzir o processo pedagógico.

Mas como enfrentar essas mudanças se além de transmitir o conhecimento cognitivo, o professor precisa atuar como facilitador da aprendizagem, preocupar-se com a integração social e até enfrentar problemas de indisciplina em sala de aula? E como trabalhar diante do autoritarismo e a imposição de certas regras?

A escola pública, vítima da burocracia e da centralização do poder, tem sido no decorrer do tempo uma instituição carente de autonomia.

A autonomia na escola está prevista na legislação a qual afirma que as escolas terão que construir sua identidade para gerir o ensino. Torna-se necessário passar do discurso à ação. Em Educação, um grande problema tem sido o fato de a escola não ter nem os instrumentos nem a autoridade necessária para resolver seus problemas.

Dar a comunidade escolar a autoridade e os meios para realizar sua gestão e crescer é o começo da transformação, sendo que *“essa transformação deve consistir em conferir poder e condições concretas para que a comunidade escolar alcance seus objetivos educacionais”*. (Paro, p.11)

Mas como buscar essas transformações, se muitas vezes o funcionamento da escola depende de diretrizes políticas ditadas pelo governo e que nem sempre são condizentes com a realidade escolar?

A escola por sua vez deve fincar raízes, buscando soluções próprias, adequando-as às necessidades e aspirações dos alunos e de suas famílias, conquistando aos poucos, a autonomia.

3- Disciplina: o desafio em sala de aula.

Os pais e os professores lutam pelo mesmo sonho: tornar seus filhos e alunos felizes, saudáveis e sábios. Mas nunca estiveram tão perdidos na árdua tarefa de educar.

Cury (2003)

Durante essa minha trajetória docente sempre ouvi os professores se queixarem de alguns alunos devido sua indisciplina e, mesmo quando era professora substituta que circulava por várias escolas, presenciei muito isso. Chegou-se ao ponto de professores se recusarem a substituir em uma sala porque os alunos eram indisciplinados em questão de comportamento.

Esse é um problema muito sério na educação brasileira. Alguns especialistas apontam que o problema é da escola, outros culpam a família e há ainda os que culpam os dois, porém o que realmente temos de concreto é o fato de que com ela torna-se impossível desenvolver o ensino de conteúdos e, portanto a aprendizagem da turma fica comprometida. Mas a maior preocupação não é encontrar *culpados*, mas sim, procurar solucionar esse preocupante problema.

O que podemos considerar indisciplina? Depende muito do significado que cada um atribui a ela. Segundo o dicionário Aurélio indisciplina é *procedimento, ato ou dito contrário a disciplina, desobediência, desordem*.

Para Aquino (1996) *a indisciplina seria, talvez, o inimigo número um da educação atual, cujo manejo as correntes teóricas não conseguiram propor de imediato, uma vez*

que ultrapassa o âmbito estritamente didático-pedagógico, imprevisto ou até insuspeito no ideário das diferentes teorias pedagógicas.

Já para Tiba (1996), a disciplina é um conjunto de regras que devem ser obedecidas para o êxito do aprendizado escolar. Portanto ela é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, conseqüentemente na escola.

Para Wallon (1975), a disciplina parece ser vista como obediência cega a um conjunto de prescrições e, principalmente, como um pré-requisito para o bom aproveitamento do que é oferecido na escola. Nessa visão, as regras são imprescindíveis ao desejado ordenamento, ajustamento, controle e coerção de cada aluno e da classe como um todo.

Então, podemos entender que a indisciplina relaciona-se com o não cumprimento das leis, normas e regras estabelecidas na sociedade ou por grupos organizados para determinados fins como é o caso da escola. Neste caso quando se fala de indisciplina na escola, pode-se falar de desrespeito às regras estabelecidas.

No ano passado, 2004, pude sentir de perto esse problema. Lecionei em uma sala com vinte e quatro alunos entre 3 e 4 anos de idade com grandes problemas de indisciplina que dificultaram bastante meu trabalho pedagógico com a classe. Já havia dado aula para turmas com a mesma idade e tudo havia sido tão diferente...

Não estou falando de cenas corriqueiras como a de um aluno que se levanta da cadeira ou conversa com os colegas durante a aula, mas de alunos muito agitados e até agressivos, sem limites e sem respeito algum pelos outros.

Dentre toda a sala havia um aluno que fazia coisas difíceis de acreditar. Ele era muito agitado, agressivo tanto com os colegas quanto comigo, chegando a me agredir fisicamente.

Eu chegava na sala pela manhã com a aula toda planejada para o dia mas, era só começar que ele se manifestava mexendo com quem estava quieto, subia em cima da mesa e da cadeira, dentre outras coisas. Conversava tentando acalmá-lo, mas tudo era em vão e, com tudo isso os outros alunos ficavam agitados e até mesmo assustados. As mães vinham reclamar para mim quase todo o dia que seus filhos não queriam mais vir para a escola porque apanhavam desse aluno.

Foi um ano muito difícil e eu me culpava por isso. *Por que minha sala é assim? O que estou fazendo de errado?* Pensava em pedir a conta, não estava agüentando mais e não sentia vontade de ir trabalhar. A minha outra sala no período da tarde era totalmente diferente e os alunos eram bem mais calmos sem nenhum problema sério de comportamento.

Procurei ajuda com outras professoras, com a coordenadora da minha escola que também procurou ajuda junto à Secretaria de Educação. Veio até a escola uma profissional para trabalhar a arte-terapia com esse meu aluno, mas ela veio somente dois dias no início do ano para conversar com ele e não apareceu mais e eu havia me prontificado em participar dessas aulas junto com ele. Assim fiquei sem resultados concretos e, é claro que eu não estava esperando que ela me desse uma solução milagrosa, mas quando se encaminha um aluno para uma avaliação psicológica em razão de sua indisciplina, espera-se de boa fé que assim se possa obter alguma informação útil sobre as causas do episódio para melhorar o rendimento da classe.

Infelizmente, não pude contar com o apoio de profissionais especializados para tentar amenizar esse problema. Foi quando em um dos textos *trabalhados* durante o PROESF, veio esclarecer diversos fatores que podem acarretar a indisciplina, o qual contribuiu para uma melhor reflexão sobre minha prática docente.

Pode ser um problema externo à escola como: problemas familiares, ausência ou super proteção dos pais, carências sociais, influência da mídia através das comunicações de massa; pode ser um problema de dentro da escola como: desmotivação dos alunos, autoritarismo do professor, conteúdos desinteressantes; ou mesmo um problema físico e intelectual do próprio indivíduo, como por exemplo a personalidade do aluno, sua imaturidade, incapacidade de atenção e a baixa auto estima. (Morin,1994)

A escola vem assumindo praticamente sozinha um papel que, em princípio não deveria ser só seu: o de educar seus alunos. Pais e professores devem agir em conjunto. Por isso a questão dos limites deve ser discutida entre família e escola esclarecendo o que compete a cada uma das partes. Muitos pais, atualmente pensam que negar alguma coisa para o filho seja um crime, um verdadeiro pecado, ou no mínimo um ato autoritário, um modelo antiquado de educar e se perguntam “*Onde foi que eu errei?*” Afinal conversam, explicam, não batem, não agridem e no final a vida está virando um verdadeiro inferno e quanto mais fazem mais os filhos querem que se faça.

Os pais de hoje trabalham mais e passam menos tempo com os filhos. A mãe que antes ficava em casa e transmitia valores morais agora trabalha fora. Quando chegam do trabalho ambos estão cheios de culpa pela ausência e para minimizar esse sentimento tornam-se muito permissivos, deixam de estabelecer limites e de ensinar o que é certo e errado. Diante disso Zagury destaca que:

Os pais preocupam-se demais com a psique, com o emocional, se os filhos não vão ficar com algum trauma, com algum complexo ou com a auto-estima abalada cada vez mais que eles lhes impõem limites. Muitos tornam-se superprotetores, alegando que o tempo é escasso e que preferem curtir os filhos em vez de ficar fazendo exigências. Nessas poucas horas é preciso ter postura, é preciso fazer a criança entender que os pais estão ausentes porque estão trabalhando e que trabalham porque querem dar segurança, saúde e educação aos filhos. A criança compreende isso muito bem. Quando juntos os pais devem dar atenção, carinho, amor...educação aos filhos.

Dar limites é ensinar que os direitos são iguais para todos, dizer *sim* sempre que possível e *não* sempre que necessário, mostrar que muitas coisas podem ser feitas e outras não.

(...) crianças precisam sim aderir regras (que implicam valores e normas de conduta) e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os 'limites' implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo; o que não pode ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de um espaço social – a família, a escola e a sociedade como um todo. (La Taille, 1994,p.9)

Aquino cita que o professor estabelece uma conduta dialógica na sala de aula, através de um *contrato pedagógico* em que os alunos e professor constroem juntos as regras de convivência, onde todos participarão da construção das regras e se obrigarão a cumpri-las. Esse *contrato pedagógico*, em muitas escolas é conhecido como os famosos *combinados* e isso já faz parte da prática pedagógica de muitos professores, inclusive da minha.

Já no início do ano, na primeira semana de aula, estabeleço junto com os alunos os *nossos combinados*, e deixo bem claro que o mesmo é flexível, e à medida que os problemas vão surgindo, discutimos na roda e juntos estabelecemos novas regras que permitirão que os problemas sejam superados. O mesmo acontece com aquelas regras

que já são obedecidas por todos, ou seja, elas não precisam mais fazer parte dos combinados, pois as crianças já internalizaram. Essa conduta, tira a visão de que o professor é o dono do saber e se coloca como orientador dos alunos, contribuindo com isso, para uma aprendizagem cada vez melhor, onde os alunos aprendem com a prática, a obedecerem as regras, pois são eles mesmos que as construíram e não uma coisa que foi imposta pelo professor.

Os debates feitos em sala de aula durante o curso do PROESF sobre o comportamento dos alunos me ajudaram muito e pude perceber que não sou a única a enfrentar esse problema. Acredito que a situação torna-se pior para as professoras que lecionam para alunos maiores.

Às vezes, penso sobre como será o futuro desses alunos que apresentam problemas de indisciplina na escola. Infelizmente, muitos deles já vão para as séries seguintes com o rótulo de *terrível* e muitas vezes são encaminhados para instituições de Educação Não Formal, para receberem uma educação diferenciada, podendo assim se adequar aos moldes impostos pela sociedade.

Não é possível resolver o problema da indisciplina sem um trabalho consistente. Fazendo apenas uma coisa aqui outra acolá será impossível resolver um problema tão sério dentro da escola. Também será impossível solucioná-lo tomando medidas paliativas ou cerceadoras. A escola precisa de um trabalho mais profundo, o professor precisa refazer sua formação para tal e a criança tem o direito de saber o que ela mesma pode fazer para atingir o sucesso.

CONCLUSÃO

Pude através desse memorial refletir sobre minha prática docente e meu crescimento profissional através do curso do PROESF.

Portanto, enfrentar os desafios em sala de aula exige de nós, profissionais da educação, uma postura democrática que entenda os alunos não mais como sujeitos que só obedecem a ordens ou como adversários que precisam ser vencidos. O caminho é reconhecê-los como possíveis parceiros de uma caminhada humana que almeja a construção de uma sociedade mais justa, solidária e feliz. Para que isto aconteça o relacionamento na escola deve ser de respeito mútuo valorizando a diversidade de interesses pessoais e coletivos.

Formar crianças e adolescentes sociáveis, felizes, livres e empreendedores é um belo desafio nos dias de hoje. A solidão nunca foi intensa: os pais escondem seus sentimentos dos filhos, os filhos escondem suas lágrimas dos pais, os professores se ocultam atrás do giz.(Cury,2003)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Júlio Groppa. Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas / organização Júlio Groppa Aquino. – São Paulo. Summus, 1996 – (Na escola)

ARAÚJO, Ulisses F. – Texto: Disciplina, Indisciplina e a Complexidade do Cotidiano Escolar. (p. 125 a 132)

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: TA Queiroz, 1979.

CURY, Augusto Jorge. Pais brilhantes, Professores fascinantes / Augusto Cury. – Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura) 21ª edição.

MIZUKAMI, Maira. Ensino: As Abordagens do Processo. São Paulo: EPU, 1986.

PARO, Vitor Henrique. Participação da Comunidade na Gestão Democrática da Escola Pública. 3ª edição. Editora Àtica.

PARO, Vitor Henrique. Gestão Democrática na Escola Pública. 3ª edição. Editora Àtica.

Programa de Formação Continuada para Professores do Ensino Médio – Síntese da Teleconferência Proferida pelo Professor Antonio Nóvoa para o PEC – Formação Universitária – Teia do Saber – CENP – Secretaria do Estado da Educação SP.

SOARES, Magda. Metamemórias: travessia de uma educadora / Magda Soares – 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2001 (Coleção ed. Contemporânea. Série Memória da Educação).

TIBA, Içami. Disciplina: o limite na medida certa / Içami Tiba. – São Paulo: Editora Gente, 1996.

WALLON, H. Disciplina e Perturbações do Caráter. In. Psicologia e Educação na Infância. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

ZAGURY, Tânia. Limites sem trauma / Tânia Zagury. 55ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2003 (Construindo Cidadãos)